

Lisboa e Schwartzman: tudo a favor

Secretário da Política Econômica da Fazenda e diretor para a Área Internacional do BC fazem previsões favoráveis para o País em 2005

Economia - Brasil

SEBASTIAO MOREIRA/AE - 7/4/2003

RUBINHO GUIMARÃES/AE - 30/9/2003

POLÍTICA ECONÔMICA

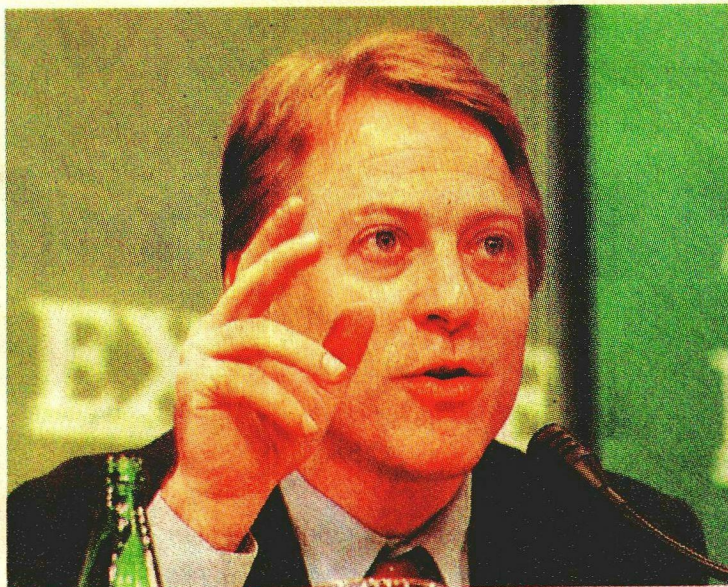
João Caminoto

Enviado especial
BERLIM

O diretor para a Área Internacional do Banco Central, Alexandre Schwartzman, e o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Marcos Lisboa, se uniram ontem na defesa da política econômica do governo Lula, comandada pelo ministro da Fazenda, Antonio Palocci.

Em Berlim, onde participa do encontro dos ministros das finanças e bancos centrais do G-20, Schwartzman analisou as perspectivas da economia mundial para o próximo ano e seus possíveis impactos sobre o Brasil. Segundo ele, a taxa de risco do Brasil vai continuar numa trajetória declinante em 2005 e as agências poderão elevar a classificação do País.

Em São Paulo, Marcos Lisboa se negou a comentar a sugestão de parte da Comissão de Acompanhamento Macroeconômico da Andima, de que o governo Lula poderia reconhecer a inviabilidade de atingir o centro da meta de



AJUSTE - Para Lisboa, política monetária tem impacto temporário

2005, de 5,1%. “Não falo de política monetária”, disse Lisboa, ao ser indagado por um jornalista durante o encontro dos economistas do grupo ontem de manhã. De acordo com ele, política monetária “não tem nada a ver com crescimento sustentado”.

Lisboa ponderou que a política monetária tem impacto temporá-

rio na atividade econômica, que se esgota em 12 a 18 meses e, em seguida, a atividade voltaria ao nível anterior. “O papel da política monetária é fazer este ajuste fino”, reforçou, completando que o desequilíbrio fiscal e inflação alta atrapalham esse ajuste.

O secretário alertou ainda para que se tenha cuidado com as pre-



QUEDA - Relação dívida/PIB caiu 5 pontos, diz Schwartzman

visões para os próximos anos. Ele destacou que no início deste ano muito se falou sobre o impacto da política monetária do Banco Central na atividade econômica, como “trava no crescimento”. “Essas previsões não se confirmaram. O BC tem administrado com muita competência a política monetária”, disse, ponderando

que a economia acumula cinco trimestres seguidos de crescimento.

LIÇÃO DE CASA

“O nosso cenário básico indica que a economia mundial deverá continuar favorável para o Brasil em 2005, embora de uma forma menos exuberante do que vimos nos últimos dois anos”, disse

Schwartzman. Segundo o diretor do BC, a melhora dos spreads sobre a dívida brasileira “depende da situação global e de o País continuar a fazendo a sua lição de casa, o que está ocorrendo”.

Como exemplo da melhora dos indicadores brasileiros, ele destacou que a relação entre a dívida e o Produto Interno Bruto (PIB) caiu 5 pontos percentuais de dezembro de 2003 até setembro passado, atingindo cerca de 53%. Além disso, a relação entre dívida e exportações também continua com melhora expressiva.

Schwartzman evitou comentar os rumores de que o governo prepara uma emissão soberana de títulos em reais no mercado internacional. Ele se limitou a afirmar que “uma emissão em reais é apenas mais uma possibilidade num leque de possibilidades que incluem emissões em dólares, euros, ienes”. Os boatos sobre uma emissão soberana brasileira em reais, no entanto, voltaram a circular ontem entre analistas da City londrina. Eles acreditam que a emissão soberana poderá ocorrer em breve. • Colaborou: Rita Tavares